

Organização



Centro de Estudos em  
Finanças da EAESP

Patrocínio



# Investimentos em foco

Educação Financeira:  
mil razões para estudar

**Informações:** [www.fgv.br/gvcef](http://www.fgv.br/gvcef) - [cef-gv@fgv.br](mailto:cef-gv@fgv.br) - (11) 3799.7994

## Educação Financeira: mil razões para estudar

### **Prof. William Eid Junior**

Professor Titular  
Coordenador do GV CEF  
Centro de Estudos em Finanças  
Escola de Administração de Empresas de São Paulo  
Fundação Getúlio Vargas

A educação financeira é hoje reconhecida como um dos pilares de uma vida equilibrada e produtiva. Ter as finanças sob controle deve ser um dos objetivos primordiais das pessoas e das famílias. E nesse momento em que o mundo passa por incríveis transformações, isso é ainda mais fundamental. Observamos um crescimento acentuado da classe média em todo o mundo. Começando depois da segunda guerra mundial nos Estados Unidos, esse movimento se expandiu para a Europa na década de 1970. Depois, com a queda dos regimes comunistas no final do século XX, observamos a entrada no mercado de consumo de um imenso contingente de pessoas com um bom preparo intelectual. Finalmente nos últimos anos foram os países ditos emergentes que contribuíram para o crescimento da classe média. Estima-se que, hoje, 30% da população mundial, ou dois bilhões de pessoas, podem ser enquadradas nessa categoria. Em 2030 serão cinco bilhões de pessoas ou quase 65% da população mundial.

Esse fato tem grandes consequências para a economia e cultura do planeta. A mais fácil de perceber é o aumento na procura por bens de consumo. As necessidades individuais, quando ultrapassam a barreira da subsistência, tornam-se mais diversificadas e sofisticadas. Observamos também o aumento da necessidade de produtos financeiros. E isso se dá pois há outro movimento global referente à transição de um modelo no qual havia um estado paternalista que garantia a aposentadoria dos seus cidadãos, para um modelo em que o indivíduo tem que se proteger. Temos a transição do estado tutelador para o indivíduo empreendedor.

Nesse cenário, é patente a necessidade de educação financeira. A maior parte dos recém-chegados à classe média não conhece produtos financeiros nem desenvolveu uma

visão de longo prazo que os levem de um ambiente de consumismo exacerbado para um onde poupar seja parte integrante da vida.

Existem muitos outros argumentos que mostram a necessidade da educação financeira, além do crescimento da classe média.

Há uma questão demográfica importante. A população do mundo está ficando mais velha. O que era uma pirâmide etária na maior parte dos países está se transformando numa espécie de ânfora. Mas sobretudo a fatia da população de maior idade cresce em ritmo acelerado. A melhoria nas condições de vida, propiciada principalmente pelo aumento de renda, avanços na medicina e melhor alimentação leva as pessoas a uma vida produtiva muito mais longa. Hoje é muito comum encontrarmos pessoas com mais de 80 anos com muito vigor. Ao mesmo tempo os filhos têm ficado junto aos pais muito mais tempo do que nas gerações anteriores.

Com a virtual falência das organizações governamentais de aposentadoria, como o INSS brasileiro, é o próprio indivíduo que tem que se preparar para o futuro. Se hoje o benefício que uma pessoa pode esperar de uma aposentadoria governamental é pequeno, num futuro próximo todas essas organizações serão direcionadas apenas para os mais desvalidos. Isso significa que a classe média tem que se preparar, poupando ao longo da sua vida. Mesmo nos fundos de pensão de empresas a situação vem evoluindo para o indivíduo empreendedor. Hoje é praticamente impossível entrar num fundo de pensão do tipo BD – Benefício Definido, que garante que a pessoa receberá na aposentadoria um benefício igual ao seu salário. Hoje todos os fundos são CD- Contribuição Definida. Neles a pessoa acumula recursos e o montante final, portanto seu rendimento na aposentadoria depende tanto do valor das contribuições, como da rentabilidade das aplicações realizadas com as contribuições. Mas há em várias empresas a oferta de fundos de pensão com diferentes perfis de risco. Também aqui a escolha demanda conhecimento.

Existe também uma questão relacionada à oferta de produtos financeiros. E podemos fazer um paralelo com o ambiente de bens de consumo. Há poucas décadas, na maioria dos países, incluindo o Brasil, tínhamos uma oferta muito limitada de bens de consumo. Automóveis constituem um bom exemplo. Naquele tempo o brasileiro tinha que se

contentar com cinco marcas, hoje tem mais de trinta, cada uma com uma variedade enorme de modelos. No ambiente financeiro temos o mesmo fenômeno. Só de categorias de fundos de investimentos existem mais de trinta, temos diversos tipos de CDBs, títulos imobiliários, títulos públicos ofertados via Tesouro Direto e ações negociadas na bolsa. Isso do lado dos investimentos. Do lado do crédito a oferta também é vasta, com cartões de crédito, crédito pessoal, crédito direto ao consumidor, crédito imobiliário e ainda cheque especial. Uma sopa de letras que, para a maioria das pessoas, é de difícil entendimento.

Esse problema é ainda mais complexo no caso da escolha do produto de previdência. Há diversos deles, como PGBLs, VGBLs, Previdência Fechada das empresas, só para citar alguns. Além da escolha do produto, outro fator fundamental é a tributação. Há dois modelos, o progressivo e o regressivo, e a escolha entre eles não é muito simples, principalmente para investidores de meia idade.

Com essa variedade de produtos, é natural que os indivíduos procurem aconselhamento. As pesquisas indicam que o principal conselheiro é o gerente da agência bancária. Em que pese que os bancos têm investido muito tempo e recursos na preparação dos seus gerentes, eles padecem de dois problemas. O primeiro é o número de clientes que têm que atender. O crescimento da população, associado ao ainda maior crescimento da classe média, leva o número de clientes atendidos por cada gerente a patamares elevados, o que inibe um atendimento altamente personalizado. O segundo é referente ao nível de conhecimento que um gerente tem dos objetivos e necessidades de cada um dos seus clientes. Ele é necessariamente baixo, já que cada pessoa ou família tem um conjunto de objetivos e necessidades muito grande. Assim, é muito importante que cada pessoa cuide das suas finanças. Claro, o gerente ainda estará lá para tirar as dúvidas do cliente, mas não para encaminhar todas as soluções.

E o que deve conter um programa de educação financeira? Três grandes pontos: poupança, investimento e prevenção de fraudes financeiras. No tópico poupança, assuntos como definição de objetivos de curto, médio e longo prazos, organização financeira e consumo consciente constituem o núcleo central. Na questão de investimentos, é importante mostrar para o participante de um programa de educação financeira a variedade de produtos existentes, sua relação com os objetivos de cada um,

bem como seus riscos. O foco no longo prazo tem que ser a tônica de todo o processo. Por fim, é importante discutir a questão de fraudes financeiras. Infelizmente, sempre vemos na mídia notícias sobre esse assunto e os prejuízos para os poupadores são grandes. É importante mostrar que os investimentos devem ser feitos em instituições sólidas e autorizadas pelos órgãos reguladores, e, sobretudo, mostrar que retornos muito acima do normal devem sempre ser olhados com desconfiança. Explicar a forma de operar dos fraudadores certamente vai evitar a sua ação e contribuir para a geração de um ambiente de muito maior confiança no mercado financeiro, levando a um maior desenvolvimento.

Quem deve prover a educação financeira? Todos, a começar pelas escolas. No Brasil e em outros países, a progressão de boa parte da população para a classe média gerou um fenômeno típico: o consumismo exacerbado. Ele é recente, mas está cada vez mais se instalando nas sociedades. Daí a importância da educação financeira dos mais jovens. Eles é que serão os primeiros agentes de mudança cultural. E educar é sempre educar para o futuro. Há também a necessidade dos governos se integrarem nesse processo através dos órgãos reguladores e fiscalizadores. No Brasil, a CVM – Comissão de Valores Mobiliários e o Banco Central do Brasil já promovem a educação financeira. O alcance desses programas deve ser multiplicado e a atuação desses órgãos também deve se fazer sentir no sentido de simplificar procedimentos e produtos. Dessa forma, o acesso a eles será mais universal. Ainda na educação, instituições financeiras como os bancos comerciais têm papel fundamental. Afinal, são eles que têm o contato direto com a população e devem envidar esforços no sentido de criar uma relação de confiança crescente com seus clientes, e isso certamente passa por um investimento grande em educação financeira. Outros agentes sociais, como associações de classe e sindicatos, devem participar ativamente desse processo, assim como as famílias, que, após os adultos terem sido educados em termos financeiros, serão também um núcleo importante de difusão dos conceitos mais positivos de consumo consciente, poupança e investimentos.

Os resultados certamente virão. Em primeiro lugar, teremos uma maior responsabilidade individual. As pessoas vão compreender que seu futuro depende integralmente delas mesmas. Planejar será parte do cotidiano da sociedade. Isso trará muito mais

estabilidade econômica ao país, já que os investimentos serão feitos com foco no longo prazo, e poderão financiar projetos também de longo prazo criando o tão desejado crescimento sustentável. Se hoje temos investimentos financeiros num total abaixo do PIB do país, podemos esperar que no futuro esse valor seja bastante superior. Claro, isso vai demandar também uma mudança cultural. Vamos do consumismo exacerbado para o consumo consciente, do estado tutelador para o indivíduo empreendedor. Uma mudança muito positiva.



